

Resumo: O autor parte da hipótese de que o nome com que Maria é saudada pelo anjo, “Cheia de graça”, em Lc 1,28, corresponde a um dos nomes que o povo de Deus finalmente recebe, na renovação da Aliança, segundo o profeta Oséias: “Amada”, ou seja, “Favorecida”, “Agraciada” (Os 2,1). Primeiro, estuda-se o texto de Oséias 1,6 e 2,1 no original hebraico e na tradução grega, depois na latina e nas versões em vernáculo. Segundo, discute-se a legitimidade da tradução latina, “Cheia de graça”. Finalmente, discute-se a tradução da saudação do anjo: “Ave”, “Salve”, ou “Alegra-te”, para chegar à conclusão de que, sim, a “Cheia de graça” de Lc 1,28, sem deixar de ser, individualmente, Maria de Nazaré, é também, corporativamente, a Filha de Sião “Amada”, Os 2,1, redimida da condenação da “Não-amada” de Os 1,6.

Abstract: The author begins with the hypothesis that the identification with which Mary is greeted by the angel as “Full of grace” (Lk 1,28) is due to a parallelism with the nomenclature in use for identifying the People of God, at the renewal of God’s Covenant, as expressed by Hosea (1,6 and 2,1), exalting its status as “Beloved”, “Favored”, and “Endowed with grace” (Hos 2,1). First he begins with a pertinent analysis of the text of Hos (1,6 and 2,1) in the Hebrew original and in the Greek translation, then in the Latin translation and in vernacular. Then follows an inquiry into the suitable rendering of the Latin translation “Full of grace”. Finally, he deals with the denotations implied in the greeting addressed to Mary by God’s angel “Hail”, “Hello”, and “Rejoice”, arriving at the conclusion that the expression “Full of grace” (Lk 1,28) denotes both Mary of Nazareth and, corporatively, the Daughter of Zion as “Beloved” (Hos 2,1), who is redeemed from its previous condition of being rejected (Hos 1,6).

Cheia de graça, a não-amada?

Ou seja: Lucas 1,28 responde a Oséias 1,6?

Ney Brasil Pereira*

* O Autor, Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC, é membro da Pontifícia Comissão Bíblica.



Faz vinte anos que, no final do meu artigo sobre a “humilhação” de Maria¹ em Lc 1,48, eu levantava a hipótese que agora, finalmente, pretendo desenvolver. Falando do Magnificat, eu escrevia: “O Magnificat não é apenas o cântico pessoal de Maria de Nazaré que exalta o Senhor por seu agraciamento e elevação/libertação. É também, ao ser pela primeira vez proferido, o cântico coletivo da Virgem ‘Filha de Sião’, representante legítima do seu povo: esse povo que era ‘*Filha não amada*’ (Os 1,6) e agora é já ‘*Amada*’ (Os 2,3), mais ainda, *Kecharitôménê*, ‘cheia de graça’ (Lc 1,28).” Isto é, o nome com que Maria é saudada pelo anjo, *Kecharitôménê*, corresponde a um dos nomes que o povo de Deus finalmente recebe, na renovação da Aliança, segundo o profeta Oséias: “E então, no mesmo lugar onde lhes fora dito *Vós sois não-meu-povo* eles serão chamados *Filhos do Deus vivo*! Então, chamareis de *Meu povo* aos vossos irmãos, e de *Amada – Êleéménê* - às vossas irmãs” (Os 2,1b.3).

Uma observação prévia. Embora eu esteja convencido da viabilidade da hipótese, espanta-me o fato de que ela seja, parece-me, totalmente original. Isto é, na bibliografia de que pude dispor, não vi, em autor algum, antigo ou moderno, a menor alusão² à possibilidade de que a *Kecharitôménê* de Lc 1,28 seja a retomada mariológica da *Êleéménê*, ou seja, da *Ruhâmâ* de Os 1,6, respectivamente, Os 2,1b.3. Para comprová-lo, entretanto, precisamos examinar a fundo o sentido desses dois participípios perfeitos passivos. É o que faremos, começando pela *Ouk Êleéménê* de Os 1,6.

1 A Não-amada que se torna Amada

Entre os quatro grandes profetas do século VIII, imediatamente após a proclamação severa da Justiça de Deus, segundo Amós, devemos a Oséias a novidade da revelação de Deus como Esposo e Pai do seu povo.

¹ PEREIRA, Ney Brasil, “Humildade ou humilhação de Maria, em Lc 1,48?”, in *Revista de Cultura Bíblica*, n. 39/40, São Paulo, 1986, pp. 38-54. O mesmo artigo, com algumas adaptações, foi publicado em REIMER, Haroldo, e SILVA, Valmor da, (Orgs.), *Hermenêuticas Bíblicas*, Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, São Leopoldo, Oikos; Goiânia, UCG, 2006, pp. 181-189

² Encontrei apenas dois acenos a essa possibilidade. O primeiro, na “Bíblia do Peregrino”, de ALONSO-SCHÖKEL, Luís (trad. Paulus, 2002), na nota a Lc 1,28: “*Favorecida* é um daqueles participípios passivos, quase títulos, que conhecemos pela literatura profética (*Compadecida*, Os 2,3; *Preferida*, Is 62,4). Atribui-se, o participípio, a uma figura emblemática, não a alguém em particular. O segundo, na retroversão do texto de Lucas em hebraico, creio que por Delitzsch: aí a *Kecharitôménê* é traduzida exatamente por *Bat Ruhâmâ*.



Como bem sintetiza a TEB, no final da sua Introdução a este profeta, “o livro de Oséias não encerra, por certo, a totalidade da revelação bíblica. Mas vai tão longe e tão fundo, que o povo de Deus, ainda hoje, não pode lê-lo sem estremecer de esperança”³.

É sabido que os textos oseianos maiores sobre a sponsalidade e a paternidade de Deus encontram-se, respectivamente, no cap. 2,4-25 (poema do amor conjugal de YHWH), e no cap. 11,1-9 (poema do amor paterno de YHWH para com *Israel/Efrain*). Mas todo o conjunto dos capítulos 1-3 é dedicado a expressar a experiência matrimonial do profeta, o qual, nas suas próprias vicissitudes, compreendeu um aspecto novo e profundo em Deus: a infidelidade do seu povo à Aliança é como um adultério contra YHWH, e o amor de YHWH é como um amor apaixonado de esposo, capaz de perdoar tudo e de tornar a começar. Por isso mesmo, o móvel do comportamento divino em relação a Israel não é a justiça inexorável, como em Amós, mas o amor, o *hesed*, termo central na teologia de Oséias, termo que aparece seis vezes no livro⁴. Os LXX o traduziram por *éleos*, “misericórdia, compaixão”, mas é também “fidelidade”, “solidariedade”, “bem-querer”, “amor”, ou seja, é o amor-fiel que não permite que a justiça destrua completamente o povo culpado. Ora, talvez surpreendentemente, em Os 6,6 não se trata do *hesed* divino mas do seu reflexo humano: é a benevolência do ser humano para com o próximo que YHWH exige de nós, mais que qualquer ato de culto... E é essa revelação altíssima que o Senhor Jesus vai assumir, reafirmando-a por duas vezes, em Mt 9,13 e 12,7 (cf também Mc 12,32)⁵.

Pois bem, é no começo do livro de Oséias que encontramos a “*Não-amada* que se torna *Amada*”. Temos aí o relato da vocação do profeta, vocação expressa em termos matrimoniais. O Senhor o manda casar-se com uma mulher prostituta e ter filhos com ela (Os 1,2). Os três filhos que resultam dessa união recebem nomes simbólicos, nomes de rejeição: o mais velho é *Jezrael* (Os 2,4), nome do vale ensangüentado pela violência de Jeú (2Rs 9,15-10,14); o segundo, uma filha, é *Lo’Ruhâmâ*, a “*Não-amada*” (Os 2,6); e o terceiro é *Lo’Ammî*, “*Não-meu-povo*” (Os 2,9). O amor invencível de YHWH, porém, recupera e salva seu povo, e *Jezrael* volta ser, no “grande dia”, o vale da fartura abençoada (Os 2,2);

³ TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia, São Paulo, Loyola, 1994 (trad.), p. 879.

⁴ Eis as citações: Os 2,21; 4,1; 6,4-6; 10,12; 12,7.

⁵ Assim, em PEREIRA, Ney Brasil, *Os Profetas, nossos contemporâneos*, Introdução ao Profetismo, Apostila, ITESC, Florianópolis, 1997, p. 29.



o “Não-meu-povo” é novamente “Meu-povo” e, enfim, a “Não-amada” é, de novo, para sempre, “Amada” (Os 2,3). Essa certeza será retomada convictamente, em releitura cristã, por Paulo, escrevendo aos romanos (Rm 9,25), e também por Pedro, na sua carta aos irmãos “dispersos” nas províncias da Ásia: “Vós, que outrora *não éreis povo*, agora sois o Povo de Deus; vós, que *não tínheis alcançado misericórdia*, agora alcançastes misericórdia (1Pd 2,10).

Interessando-nos sobretudo o nome da “Não-amada” que se torna “Amada”, examinemos o significado desse nome primeiramente no texto original do profeta, em hebraico.

1.1 A “Não-amada”, no texto original

O nome que o profeta, por ordem de YHWH, dá à sua filha, em hebraico, é *Lo’ Ruhâmâ*⁶ (Os 1,6). É um nome pessoal e negativo, que em Os 2,3 se torna coletivo e positivo: “Dizei a vossas irmãs: *Ruhâmâ*”. Para entender a densidade da forma negativa e, ipso facto, da positiva, é preciso lembrar que *rahâmîm* “é o mais belo e também o mais elementar dos atributos de YHWH”⁷. Ele é um deus “de ternura e piedade”, *rahûm we hannûn*, terno e compassivo (Ex 34,6). Uma vez que Ele é sempre, no mais profundo do seu ser, *rahûm*, misericordioso, declarar seu povo *Lo Ruhâmâ* significa excluí-lo totalmente do seu amor. Esta forma verbal em *pu’al* não se encontra alhures, tendo pois sido inventada para este caso. Ela implica um completo ato de rejeição: o povo não é simplesmente “não-amado”, mas foi “expelido de uma relação de amor”⁸. Numa total mudança de atitude no seu relacionamento com Israel, YHWH cessou de enternecer-se por ele e não o amará “nunca mais” (Os 1,6).

Como *rehem* designa o seio materno, o plural *rahâmîm* designa em geral o sentimento de misericórdia e a própria sede desse sentimento, as “entranhas”⁹. Seria, então, a componente feminina desse impulso, como

⁶ Uma curiosidade. Cornélio A LAPIDE, no seu Comentário ao texto de Oséias (*Comentaria in Osee Prophetam*, Anvers/Antuérpia 1643), translitera estranhamente *Rahumâ* (feminino de *Rahum*, um dos atributos de YHWH em Ex 34,6) em vez de, como é correto, *Ruhâmâ*.

⁷ ANDERSEN, Francis I. e FREEDMAN, David N., *Hosea. A new translation with Introduction and Commentary*, The Anchor Bible, vol. 24, N.York, Doubleday, p. 187

⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 188

⁹ JENNI, Ernst, e WESTERMANN, Claus, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, tomo II, Madrid, Ed. Cristiandad, 1985 (trad.), col. 959



o *hesed* seria seu componente masculino? É interessante notar que *rehem* se aplica sempre, no Antigo Testamento, a um superior em relação a um inferior, nunca ao homem em relação a Deus¹⁰.

1.2 A “Não-amada” nas traduções grega e latina

Os LXX traduziram *Lo’ Ruhâmâ* por *Ouk Êleéménê*, no gr. um perfeito passivo, correspondendo ao *pu’al* hebraico, o qual, literalmente, em português, equivaleria a “Não-compadecida”. Acontece que o adjetivo “compadecido”, que seria o passivo de compadecer, em nossa língua tomou o sentido ativo de “compadecedor”, aquele que tem compaixão. E é nesse sentido que a “Compadecida” designa Nossa Senhora, no “Auto da Compadecida”, do dramaturgo brasileiro Ariano Suassuna. Temos, porém, uma outra versão grega de *Lo Ruhâmâ*, utilizada por Paulo na carta aos romanos: é *Ouk Êgapéménê* (Rm 9,25), que traduzimos literalmente por “Não amada”, e é esta a tradução que prefiro neste artigo.

A Vulgata, de Jerônimo, renunciou a traduzir por um particípio o *pu’al* hebraico e preferiu uma circunlocução: *Absque misericordia* (Os 1,6), literalmente “Sem misericórdia”. Em Os 1,8, a circunlocução é explicada: *Ea quae erat absque misericórdia*, isto é “Aquele que era sem misericórdia”, isto é, que tinha sido excluída da misericórdia. A forma positiva do nome, em Os 2,3 (na Vulgata, Os 2,1), Jerônimo traduziu-a por *misericiordiam consecuta*, “aquela que alcançou misericórdia”.

No Novo Testamento, a citação latina de Os 2,3 na carta aos romanos, correspondendo ao texto grego alternativo ao qual já nos referimos, tem o adjetivo verbal *Dilecta*, isto é, “Amada” (Rm 9,25). A primeira carta de Pedro, porém, aplicando o texto de Oséias a seus destinatários, escreve: *Vos, qui aliquando non consecuti misericordiam, nunc autem misericordiam consecuti*, isto é: “Vós, que outrora não tínheis alcançado misericórdia, agora porém alcançastes misericórdia” (1Pd 2,10)¹¹.

1.3 A “Não-amada” nas traduções em vernáculo

Almeida, na versão revista e atualizada, traduz *Lo’ Ruhâmâ* (Os 1,6) por “Desfavorecida”, e *Ruhâmâ* (Os 2,3, numerado 2,1), incompre-

¹⁰ *Id.*, *ibid.*, col. 961

¹¹ Notar que o texto latino do Novo Testamento, incluído na Vulgata, não é tradução original de Jerônimo, mas apenas fruto de sua revisão. Quanto à própria Vulgata, ela foi revisada após o Vaticano II, sendo substituída, como texto latino oficial, pela Nova Vulgata, promulgada em 1979 e revista em 1986. Nos textos citados, a Nova Vulgata não difere da Vulgata.



ensivelmente, por “Favor”, quando deveria, sendo coerente, traduzir por “Favorecida”. A Bíblia de Jerusalém deixa *Lo’ Ruhâmâ* no original, sem traduzir, e traduz *Ruhâmâ* por “Amada”. A TEB, como também a Bíblia das Vozes, traduzem *Lo’ Ruhâmâ* por “Não-amada”, e *Ruhâmâ* por “Bem-amada” (ou “Amada”, Vozes). A Bíblia do Peregrino, de Alonso-Schökel, como também a Bíblia da CNBB, traduzem *Lo’ Ruhâmâ* por “Não-compadecida”, e *Ruhâmâ* por “Compadecida”. A Bíblia da Ave Maria deixa os termos hebraicos no texto e sugere sua tradução perifrástica em nota: *Lo’ Ruhâmâ* é “Aquele de quem não se tem compaixão” ou “que não inspira afeição”, e *Ruhâmâ* é “Aquele que inspira afeição”. A Bíblia de Matos Soares, seguindo literalmente a Vulgata, traduz *Lo’ Ruhâmâ* por “Sem-misericórdia”, e *Ruhâmâ* por “A que alcançou misericórdia”. Finalmente, omitindo outras versões brasileiras, a Bíblia na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, traduz *Lo’ Ruhâmâ* por “Não-amada”, e *Ruhâmâ* por “Amada-por-Deus”.

2 “Cheia de graça”, ou “Agraciada”?

Tendo aventado a hipótese de que a “Cheia de graça”, de Lc 1,28, seria a releitura mariológica da “Amada”, de Os 2,3, temos de aprofundar o sentido e, ipso facto, a tradução do termo empregado por Lucas, a *Kecharitôménê*, assim como o fizemos para a *Ruhâmâ* de Oséias. Que significa, de fato, esse particípio passivo, *kecharitôménê*, que a Vulgata traduz por *Gratia plena*, “cheia de graça”, mas que literalmente se deveria traduzir, como o fazem as versões evangélicas¹² do Novo Testamento, por “ *muito favorecida*”¹³, ou “ *agraciada*”¹⁴, ou “ *muito abençoada*”¹⁵. A Tradução Ecumênica da Bíblia, ou seja, a TEB¹⁶, traduz por uma circunlocução – “*ó tu que tens o favor de Deus*” – e explica em nota: “Literalmente, *favorecida*”. E continua a nota: “Este termo se apresenta como um nome dado a Maria. Ele só se encontra na Bíblia em

¹² Entre as versões católicas, em português, parece única exceção a da “Bíblia do Peregrino”, citada acima, na nota 2: em vez de “Cheia de graça”, lemos aí “*Favorecida*”.

¹³ ALMEIDA, Versão Revista e Atualizada

¹⁴ Nova Versão Internacional, Ed. Vida, 2001, e também CHAMPLIN, Russell Norman, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. II, São Paulo, Distrib. Milenium, 1979.

¹⁵ Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje

¹⁶ A TEB, já citada acima (nota 3), é a versão brasileira da *Traduction Oecuménique de la Bible*, publicada na França, o Novo Testamento, em 1972, com a colaboração de católicos, protestantes e ortodoxos.



Sr 18,17 e em Ef 1,6: o termo é aparentado com a palavra *graça*, que é, no AT grego, primeiro o favor do rei (1Sm 16,22; 2Sm 14,22; 16,4; 1Rs 11,19; Est 2,17; 5,8; 7,3; 8,5...), depois, também, o favor, a graça, de Deus (Gn 6,8; Ex 33,12-13.16-17; Ex 34,9; Dt 3,233; Sl 6,4; 13,5; 63,3; 77,8; 89,28; 90,17; Is 60,10...); cf, a seguir, o v. 30: “Encontraste *graça* junto a Deus”¹⁷.

2.1 De onde vem a “cheia de graça”?

É sabido como as traduções são responsáveis por uma série de interpretações e conseqüências que às vezes não se justificam, quando confrontadas com o texto original. Dou um exemplo, entre muitos. O apelo inicial de Jesus em Mt 4,17, em grego *Metanoëite*, traduzido na Vulgata por *Paenitentiam agite*, deu em português, na Bíblia da Ave Maria, a expressão *Fazei penitência*, já encontrada na tradução de Matos Soares. Acontece que, na recente Bíblia da CNBB, o verbo original grego é interpretado como *Converttei-vos*, enquanto, na tradução de Almeida, encontramos, mais literalmente, *Arrependei-vos*. Ora, é diferente a interpelação a “arrepender-se”, ou a “converter-se”, do apelo a “fazer penitência”. O “fazer penitência”, na tradição católica dependente da Vulgata, foi preferencialmente interpretado como um apelo à penitência corporal, à mortificação, ao cilício, quando evidentemente não era essa a proposta de Jesus. Evidentemente, o “arrepender-se” pode levar a práticas penitenciais, mas não são elas o principal da vida cristã. Aliás, já o profeta Isaías ensinara que o jejum, ou seja, a penitência, que Deus quer do seu povo, não é o jejum corporal mas, antes, *soltar as amarras da opressão, repartir o pão com o faminto, recolher em casa o desabrigado, vestir o nu...* (cf Is 58,5-7) De forma semelhante, é inegável que a tradição católica, dependente, como já disse, da Vulgata, fundamentou certos desenvolvimentos da Mariologia com a tradução latina do *Kecharitôménê* de Lc 1,28: *Gratia plena*, isto é, “cheia de graça”. Se é assim, parece justificada a curiosidade de saber como é que se chegou a essa tradução, uma tradução mais interpretativa do que literal. E se é interpretativa, por que não renunciar a ela, e passar a adotar uma versão mais literal, como “agraciada”? Por outro lado, “agraciada” traduziria bem *kecharitôménê*?

¹⁷ *Id.*, *ibid.* No final da nota, acrescentei as citações dos textos referentes à “graça” de Deus, que, estranhamente, a TEB omite.



2.2 “Ave, Gratificata”

Esse é o título de um artigo escrito em 1951, por Christine Mohrmann¹⁸, que nos fornece preciosos esclarecimentos e nos ajuda a entender por que, afinal, prevaleceu a tradução *Gratia plena*, quando o particípio passivo latino, aparentemente melhor correspondendo à forma de Lc 1,28, seria “*Gratificata*”. Ela começa mencionando os dois manuscritos, aparentemente únicos, nos quais se encontrou essa forma: o Codex Palatinus, de origem africana, do tempo de São Cipriano (séc. III), e o Codex *q*, dos evangelhos, de proveniência ilírica, da mesma época. Observando que os causativos gregos são traduzidos regularmente, no latim cristão, por verbos com terminação em *ficare*, Mohrmann afirma que o particípio *gratificata*, ligando-se originalmente ao substantivo “graça”, em latim, *gratia*, corresponderia admiravelmente ao aspecto verbal do particípio grego: “dotada, cumulada de graça”¹⁹. Exatamente por isso, é de se perguntar porque é que não foi essa a forma que prevaleceu, ainda mais que a Vulgata preservou o verbo *gratificare* na carta aos efésios: “Para o louvor da glória da sua graça, *in qua gratificavit nos in dilecto Filio suo*, com a qual Ele nos agraciou no seu amado Filho” (Ef 1,6). E a autora explica que o motivo deve ter sido a existência do verbo *gratificari*, com o sentido de mostrar-se benevolente, recompensar, “gratificar” (que, no português atual, significa recompensar pecuniariamente, dar gorjeta!), tendo-se praticamente esquecido a relação direta e essencial com o substantivo *gratia*, a “graça divina”. Por isso é que surgiu e prevaleceu, imediatamente, entrando na Vulgata, a perífrase *Gratia plena*, que evitava todo equívoco. Mohrmann pensa também que não é necessário supor, como pensa D. Stummer, um influência siríaca na origem da perífrase, e conclui: “É uma evolução latina interna que levou à exclusão do neologismo *Gratificata* e à introdução da circunlocução *Gratia plena*, ‘cheia de graça’”²⁰.

2.3 A Kecharitôménê em Lucas

Entre os vários estudos sobre o nome que o anjo Gabriel dá a Maria em Lc 1,28.21, uma boa síntese é que a nos oferece o artigo de Eugene

¹⁸ MOHRMANN, Christine, “Ave, Gratificata”, in *Rivista di Storia della Chiesa in Itália*, Istituto Grafico Tiberino, Roma, 1951, anno V, n. 1, pp. 1-6.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 3.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 5.

²¹ Entre outros: LYONNET, Stanislas, “*Chaire, Kecharitomene*”, in *Bíblica* 20 (1939), pp.131-141, artigo do qual nos serviremos abaixo; BOURASSA, François, “*Kecharito-*



Cole, “O que São Lucas quis dizer com *Kecharitôménê*”, publicado em 1958²². O articulista começa citando Orígenes: “Uma vez que o anjo saudou a Maria com termos novos, termos que não achei alhures em toda a Escritura – *Chaire, Kecharitôménê* – é necessário dizer alguma coisa a respeito. De fato, não me recordo de ter lido algo semelhante nos livros sagrados. Mais ainda. Não foi a um homem que essas palavras foram dirigidas: *Chaire, Kecharitôménê* é uma saudação reservada exclusivamente a Maria”²³. A seguir, o articulista fala do significado gramatical e etimológico do termo, lembrando que se trata do participípio perfeito feminino do verbo *charitôô*, o qual, como outros verbos terminados em *ôô*, expressa a plena intensidade da ação respectiva, no caso, do “agraciamento”. Como já lembramos acima, temos uma única outra ocorrência desse verbo no Novo Testamento: é na carta aos efésios, na passagem em que Paulo bendiz a Deus por nos ter destinado “ao louvor e à glória da sua graça, com a qual nos *agraciou* no seu Filho Amado” (Ef 1,6). O mesmo verbo aparece no texto do “Testamento dos Doze Patriarcas”, bem como no do “Pastor de Hermas”²⁴. No caso de Lc 1,28, o termo designa alguém que foi e continua sendo – é o efeito duradouro do perfeito grego – alvo da divina benevolência, alguém que foi favorecida e continua sendo favorecida por Deus, alguém que recebeu com abundância a sua graça e continua nesse estado.

No final do Antigo Testamento, encontramos dois usos do mesmo participípio na versão grega do livro do Sirácida: no cap. 9,8, em alguns manuscritos, onde o participípio tem a função meramente adjetival e designa a “graça” física, a beleza da mulher, e no cap. 18,17, com a forma masculina, *kecharitômenos*, que designa, no contexto, a integri-

mene” (Lc 1,28), in *Sciences Ecclésiastiques* 9 (1957), pp. 316-319; CAMBE, M., “La *châris* chez Saint Luc: remarques sur quelques texts, notamment le *kecharitomene*”, in *Revue Biblique* 70(1963), pp. 193-207. Depois de pronto meu artigo, vim a saber de um estudo mais recente, de DE LA POTTERIE, Ignace, publicado em *Bíblica* 68 (1987), pp. 357-382.480-508, exatamente sobre a *Kecharitôménê* em Lc 1,28. A primeira parte do estudo aborda o aspecto filológico, e a segunda parte os aspectos exegético e teológico. Vi que o estudo de DE LA POTTERIE tem outras preocupações, e sequer alude à hipótese que levanto. Boa síntese, recente, sobre a *Kecharitôménê*, é a de SANTOS, Bento Silva, no seu livro “A Mãe de Jesus no Novo Testamento”, Aparecida, Ed. Santuário, 1999, pp.62-70

²² COLE, Eugene, “What did St. Luke mean by *Kecharitomene*?”, in *American Ecclesiastical Review* 139 (1958), pp. 228-239

²³ O texto de ORÍGENES, segundo Cole, art. cit., p. 229, encontra-se em *Homil. 6*, in *Lucam*, PG XIII, 1815

²⁴ COLE, Eugene, art. cit., p. 230



dade moral do homem virtuoso. No final do séc. II dC, encontramos o termo na versão de Símaco (Sl 18,26), bem como, posteriormente, nos apócrifos “Atos de Filipe” e “Atos de Mateus”²⁵. No final do séc. IV, São João Crisóstomo, comentando Ef 1,6, faz questão de observar que o Apóstolo escreveu *echaritôsen*²⁶ (“agraciou-nos abundantemente”) e não *echarísato* (simplesmente “agraciou-nos”)²⁷. Fazendo um balanço das incidências encontradas, Cole recorre à conhecida lei do contexto, único meio de se perceber o sentido exato do termo. No caso da *Kecharitôménê* de Lc 1,28: o fato de que o nome, “cheia de graça”, é imediatamente seguido pela afirmação de que “o Senhor está contigo”, não deixa dúvidas sobre o seu significado extraordinário, já apontado por Orígenes no texto citado²⁸.

A propósito, são significativas as citações de alguns Pais gregos sobre Lc 1,28. Assim, Epifânio, no final do séc. IV, fala de “recorrer Àquela que é *kecharitôménê* sob todos os aspectos, *katà pánta*, como disse Gabriel”²⁹. Essa totalidade de aspectos é explicitada por Teodoto de Ancira, no séc. V: “Ave, *Kecharitôménê*, que és toda venerável, toda gloriosa, toda bondosa, incomparável, transcendendo todo fulgor...”³⁰. Anastácio de Antioquia, no final do séc. VI, declara Maria “a única entre as virgens que é *kecharitôménê*, a bela, a imaculada, a santa”³¹. Modesto de Jerusalém, no começo do séc. VII, escreve: “Cristo a escolheu entre todas as criaturas racionais e espirituais para fazer dela a sua mãe toda santa, e a encheu de graça num grau supremo”³². Germano, patriarca de Constantinopla, no início do séc. VIII, diz que o anjo Gabriel encontra Maria “totalmente pura e irrepreensível”³³. São João Damasceno, pela mesma época, assim saúda Maria: “Salve, ó verdadeiramente *kecharitôménê*, que és ao mesmo tempo mais santa que os anjos e mais digna

²⁵ *Id.*, *ibid.*, pp. 234-235

²⁶ Aoristo do verbo *charitôô*, o mesmo verbo do qual vem *Kecharitôménê*.

²⁷ O texto de CRISÓSTOMO, segundo Cole, art. cit., p. 235-236, encontra-se no comentário *In epistolam ad Ephesios*, PG LXII, 14, 1, 3.

²⁸ Cf nota 22.

²⁹ Segundo Cole, art. cit., p. 237, o texto de EPIFÂNIO encontra-se em *Haereses*, PG 78, 737.

³⁰ *Id.*, *ibid.*, TEÓDOTO de Ancira, *Homilia in Incarn.*, PG 77, 1528

³¹ *Id.*, *ibid.*, ANASTÁCIO de Antioquia, *Sermo III in Annunt.*, PG 89, 1388

³² *Id.*, *ibid.*, MODESTO de Jerusalém, *Homil in Dormit. B. Mariae*, PG 86, 3284

³³ *Id.*, *ibid.*, GERMANO de Constantinopla, *Homil. in Annunt. Deiparae*, PG 98, 328



de honra que os arcanjos...”³⁴ O pseudo-Crisóstomo entende que *Kecharitôménê* implica a “graça infinita, *he cháris hê apérantos*, da santa Virgem”³⁵. A propósito, é importante notar que esses comentários dos Pais gregos sobre a totalidade, a plenitude da graça em Maria, são feitos, evidentemente, não a partir da perífrase latina, *gratia plena*, “cheia de graça”, mas sobre o próprio termo original de Lc 1,28, *kecharitôménê*.

Concluindo, o articulista cita várias versões antigas, entre as quais a Boháirica, dos coptas, do Alto Egito, do séc. V; a Sahídica, também dos coptas, do Baixo Egito, do séc. III; a Peshitto, da Síria, do séc. V; a Ítala Vétus, do final do séc. II; e finalmente a Vulgata, cujo texto do Novo Testamento não é tradução original de São Jerônimo, mas sua revisão, por ordem do papa Damaso, em 383³⁶, todas elas, em suas respectivas línguas e dialetos, dando a mesma versão de *Kecharitôménê*: é a nossa familiar perífrase “*Cheia de graça*”, em latim, *Gratia plena*. Esta foi a melhor forma que esses antigos tradutores, todos bons conhecedores do grego, encontraram para verter o termo empregado por São Lucas. Se eles assim o fizeram, é porque estavam convencidos de que essa era, e conseqüentemente continua sendo, a melhor tradução.

2.4 Chaïre: “Ave”? ou “Alegra-te”?

A primeira palavra do Anjo a Maria em Lc 1,28, *chaïre*, imperativo do verbo *chairein*, “alegrar-se”, foi traduzida em latim por “*Ave*”, que é também um imperativo, do verbo defectivo *avere*, e significa “salve”. *Ave* é a saudação de quem chega, e se contrapõe a *Vale*, saudação de quem se retira. O termo latino foi em português reproduzido literalmente na forma popular da saudação angélica: “*Ave*, cheia de graça”. E esta é a tradução que encontramos na Bíblia da Ave Maria. Matos Soares, porém, traduz perifrásticamente: “Deus te salve, cheia de graça!”. Já a Bíblia de Jerusalém, como a Bíblia da CNBB, traduzem: “Alegra-te, cheia de graça!” A TEB: Alegra-te, ó tu que tens o favor de Deus!” Almeida: “Alegra-te, ó muito favorecida!” A Bíblia do Peregrino: “Alegra-te, favorecida!” A Bíblia Pastoral: “Alegre-se, cheia de graça!” Isoladamente, a Bíblia na

³⁴ *Id.*, *ibid.*, pp. 237-238, JOÃO DAMASCENO, *Homil. in Annunt.*, PG 96, 656

³⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 238, *Oratio in Christi Natalem Diem*, PG 61, 737

³⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 238. Quanto à Vulgata, o autor não distingue o trabalho de JERÔNIMO, que foi distinto: o NT da Vulgata é fruto da sua revisão, no pontificado de Damaso, como dito acima, enquanto o Antigo Testamento, sim, é fruto da sua tradução pessoal do original hebraico, trabalho realizado na Palestina, em inícios do séc. V.



Nova Tradução na Linguagem de Hoje assim traduz: “Que a paz esteja com você, Maria! Você é muito abençoada!”

Esta última versão, da Bíblia da NTLH, supõe o original hebraico *shâlôm*, “paz”, que equivaleria ao grego *eirênê*. E então? Por que é que Lucas, que em 24,36 traduz literalmente o hebr. *shâlôm* ‘*alekêm*’ escrevendo *eirênê humîn*, “a paz esteja convosco”, aqui não escreveu *eirênê soî*, “a paz esteja contigo”, mas *chaîre*, “alegra-te”? Um artigo muito citado, do Pe. Lyonnet, publicado em 1939, na revista do Pontifício Instituto Bíblico³⁷, estuda a questão e defende a hipótese de que o substrato hebraico da saudação do *chaîre* de Lc 1,28 não é *shâlôm lâk*, “a paz esteja contigo”, mas *ronnî*, “exulta”, como em Sf 3,14 ou *gîllî*, “alegra-te”, como em Zc 9,9. E a hipótese de Lyonnet, assumida pela BJ, praticamente fez esquecer o antigo “ave”, nas traduções recentes, como vimos acima, substituindo-o por “alegra-te”.

Lyonnet começa lembrando que os dois primeiros capítulos de Lucas são bastante dependentes do grego dos LXX, que jamais traduzem o *shâlôm* hebraico por *chaîre*, mas por *eirênê*³⁸. Portanto, se Lucas, na saudação do Anjo, emprega o imperativo *chaîre*, ele o faz por alguma razão particular. E a razão parece estar no paralelismo com os anúncios de salvação que encontramos nas passagens citadas (Sf 3,14 e Zc 9,9) e também em Jl 2,21, anúncios que começam com o convite à alegria. Vejamos, pois, o teor dessas passagens. Primeiro, Sofonias: “Rejubila – nos LXX: *chaîre sfódra*, alegra-te sobremodo – filha de Sião; solta gritos de alegria, Israel! Alegra-te e exulta de todo coração, filha de Jerusalém!...O Senhor, o rei de Israel, está no meio de ti...” (Sf 3,14-15) Também Zacarias: “Exulta muito – nos LXX: *chaîre sfódra*, alegra-te sobremodo – filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis o que teu rei vem a ti...” (Zc 9,9) Por fim, Joel: “Não temas, ó terra, exulta e alegra-te – *thársei, gê, chaîre kai eufraînou* – porque o Senhor fez grandes coisas!” (Jl 2,21) Por isso, observa Lyonnet, “são as palavras dos profetas que o Anjo evoca ao espírito da Virgem, palavras familiares à meditação de Maria”³⁹.

Quanto à reação de Maria, mesmo sua “perturbação”, assim a comenta Santo Ambrósio, inspirado por sua vez em Orígenes: “Ela se

³⁷ LYONNET, Stanislas, *Xaîre Kecharitôméné*, in *Bíblica* 20 (1939), pp. 131-141

³⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 132

³⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 133



admira dessa nova forma de saudação, que nunca fora lida, nunca antes conhecida. Só a ela esta saudação estava reservada. Só ela, de fato, convinha ser chamada *Gratia plena*, “Cheia de graça”... Por isso mesmo, ela se enrubescia”⁴⁰. O motivo maior, porém, da perturbação de Maria, segundo Lyonnet, está na percepção que ela teve, no momento, de que as palavras do Anjo comportavam um anúncio messiânico, e esse anúncio, feito outrora à Filha de Sião, era agora dirigido a ela. Que queria isso dizer? Que competiria a ela? Por isso é que o Anjo imediatamente a conforta, e com palavras já pronunciadas pelos profetas: “Não temas, *mê foboû*, Maria!” (Lc 1,30) É o mesmo “não temas” de Sf 3,16 e de Jl 2,21. Mais ainda. Segundo as leis do paralelismo semítico, o “não temas” corresponde ao “alegra-te”, como o “encontreste graça” (Lc 1,30), *heûres chârin*, corresponde ao “cheia de graça”, *kecharitômênê*, e o “conceberás em teu seio” (Lc 1,31), *syllêmpsêi en tê gastrî*, corresponde ao “o Senhor está contigo” (Lc 1,28), *ho Kúrios meta sou* ⁴¹.

De resto, continua Lyonnet, traduzir *chaîre* como “alegra-te” não é uma inovação, mas é retomar a tradição constante nos Pais gregos. Assim, já Orígenes, numa passagem retomada muitas vezes por outros Pais, afirma que “a tristeza de Eva é anulada pela alegria que o Anjo proclama à Virgem: alegra-te, cheia de graça!”⁴². Gregório de Nissa, do séc. IV, no sermão para o Natal: “Aquele – Eva – foi punida, por causa do pecado, com as dores no parto; enquanto desta – Maria – é afastada a tristeza por causa da alegria”⁴³. Gregório o Taumaturgo, do séc. III, dirigindo-se a Maria: “A ti compete alegrar-se em verdade, pois em ti a graça divina, como se sabe, habitou”⁴⁴. André de Creta, no séc. VII-VIII, desenvolve toda a sua homilia sobre a anunciação sob o signo da alegria: “Surgiu hoje a alegria de todos, anulando a antiga maldição”⁴⁵. Mais ainda. A liturgia da Igreja grega interpreta a Ave Maria como um hino de júbilo, semelhante ao nosso *Regina Caeli*. Assim, o hino da Páscoa na liturgia de S.João Crisóstomo: “O Anjo clamou à cheia de graça: Ó Virgem pura, *alegra-te*. De novo direi: *Alegra-te*, pois teu Filho ressurgiu...”⁴⁶.

⁴⁰ O texto de AMBRÓSIO, que traduzo do latim, encontra-se nas Homilias in *Lucam*, Corp. Berl. 9,40 (cf Lyonnet, *ibid.*, p. 134).

⁴¹ LYONNET, *ibid.*, p. 135-136

⁴² *Id.*, *ibid.*, p. 136

⁴³ *Id.*, *ibid.*, p. 136-137: PG 46, 1140

⁴⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 137: PG 10, 1152

⁴⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 137: PG 97, 881

⁴⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 138



Ao contrário, os Pais latinos, influenciados pelo Ave, não insistem na alegria: nem Ambrósio, nem Beda, nem, na Idade Média, Boaventura. Outros Pais latinos, como Alberto Magno, fazem considerações sobre o trocadilho entre *Eva* e *Ave*, trocadilho incluído numa das estrofes do hino *Ave Maris Stella*⁴⁷. O jesuíta Maldonado, no séc. XVI, reconhece o motivo da alegria no substrato semítico da saudação, mesmo sem fazer referência aos textos proféticos recordados acima: “O grego *chaïre*, alegra-te, responde à saudação hebréia *shâlôm lâk*, a paz seja contigo, que é como deve tê-la saudado o Anjo. Tanto o termo grego como a expressão hebraica significam a mesma coisa. Diz o anjo a Maria que ela *se alegre* e exulte, que não tema, que tenha bom ânimo, e é isto precisamente o que quer dizer o convite à paz...”⁴⁸. Concluindo seu artigo, Lyonnet afirma que a interpretação literal do *chaïre*, “pela evocação das antigas profecias, ilumina todo o início do relato da anunciação, a perturbação de Maria e a resposta do Arcanjo”⁴⁹.

Conclusão

Após todo o caminho percorrido, creio que podemos responder afirmativamente às questões levantadas no título deste artigo. Sim, a “Cheia de graça”, a *Kecharitôménê*, de Lc 1,28, sem deixar de ser, individualmente, Maria de Nazaré, é também, corporativamente, a Filha de Sião Amada, a *Eleêménê*, ou seja, a *Ruhâmâ*, de Os 2,3, redimida da condenação da *Lo' Ruhâmâ* de Os 1,6. Tenha o próprio Lucas pensado nisso ou não, o que importa é o texto como está e como o recebemos e que o leitor cristão não pode interpretar isoladamente, sem levar em conta seu contexto. Ora, o contexto que envolve o Novo Testamento é sem dúvida a releitura cristã que nele as primeiras testemunhas, a partir da sua experiência pascal, fizeram do texto do Antigo Testamento. Assim, parafraseando Agostinho⁵⁰, Lc 1,28 está latente em Os 2,3 e, por sua vez, Os 2,3 se torna patente, se ilumina, com Lc 1,28. Isto é, a “Não

⁴⁷ Eis a estrofe, na tradução da Liturgia das Horas: “Ouvindo aquele Ave / do anjo Gabriel, / mudando de *Eva* o nome, / trazei-nos paz do céu!”

⁴⁸ MALDONADO, Juan, *Comentário a los cuatro Evangelios, II, Evangelios de San Marcos y San Lucas*, versión castellana, Madrid, La Editorial Católica, 1954, BAC, 72, p. 291

⁴⁹ LYONNET, art. cit., p. 141

⁵⁰ AGOSTINHO: *Novum in Vetere latet, Vetus in Novo patet* (traduzindo: “O Novo Testamento se encontra latente no Antigo, e o Antigo se torna patente no Novo”), texto citado na *Dei Verbum* n. 16, que indica a fonte: *Quaest. In Hept.* 2,73, PL 34, 623



Amada”, que designa o povo de Israel em Os 1,6 e que, no horizonte messiânico, verá sua condenação ser perdoada, tornando-se em Os 2,3 a “Amada”, agora, em Lc 1,28, realizando-se a promessa, é a “Cheia de graça”, Maria de Nazaré, representante legítima do seu povo. É por isso que ela é saudada com o mesmo *Chaïre* com que é saudada a Filha de Sião em Sf 3,14 e Zc 9,9. Tem, pois, plena razão o autor da retroversão de Lc 1,28 em hebraico, Delitzch, ao traduzir *Kecharitôméné* por *Bat Ruhâmâ*⁵¹. Também no Magnificat ela cantará, não apenas em seu nome, mas também em nome do seu povo, a quem ela representa, seu povo enfim livre da *humilhação* da esterilidade pela sua virgindade fecunda (Lc 1,48)⁵². Não é esta, aliás, de modo reverso, a perspectiva do “grande sinal” de Ap 12? Ali, de fato, a Mulher grávida é Eva⁵³ e é também Israel e é Sião, a Mulher que dá à luz o Messias (Ap 12,5). Essa Mulher, porém, individualmente – sem excluir a sua representatividade corporativa – na qualidade de Mãe pessoal do Messias Jesus de Nazaré, em quem se cumpriram as Escrituras, é Maria, a “Cheia de graça” de Lc 1,28, a definitivamente “Amada” de Os 2,3.

Endereço do Autor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
email: ney.brasil@itesc.org.br

⁵¹ Cf supra, nota 2

⁵² Cf supra, nota 1

⁵³ Ap 12,1-4 é sem dúvida a retomada de Gn 3,15, *Porei inimizade entre ti e a Mulher* : Eva e a Serpente, a Mulher e o Dragão